



Você está em: [SPFC](#) > [Notícias](#) > **História**

70 anos da estreia de Poy pelo Tricolor

Relembre a história do jogador que veio do Rosario Central para se tornar ídolo no São Paulo

Michael Serra / Arquivo Histórico do São Paulo FC - 14/06/2019 às 14:00



Por Arquivo Histórico do São Paulo FC

No dia 14 de junho de 1949, há exatamente 70 anos, em um amistoso contra um combinado da Associação dos Atletas Profissionais do Estado de São Paulo, um dos maiores goleiros da história do São Paulo estreou pelo Tricolor: o argentino Jose Poy. Esta história, porém, começa quatro anos antes, em 1944, mais precisamente no dia 30 de dezembro, no Pacaembu. O São Paulo havia empatado em 2 a 2 com o Rosário Central, da Argentina.

O jogo, entretanto, quase não teria importância histórica não fosse o goleiro que se destacou pelo time adversário, impedindo a vitória são-paulina: ele mesmo: Poy.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

20/06/2019 às 19:31

Quarteto reencontra o Tricolor em treino da Seleção no CT da Barra Funda

20/06/2019 às 17:16

Com entrada gratuita e transmissão SPFCtv, Sub-20 encara Audax

20/06/2019 às 13:27

De férias no Brasil, Lucas visita o CFA: "Amo muito esse clube"

20/06/2019 às 13:04

Sub-17 é derrotado pelo Desportivo Brasil em Cotia

20/06/2019 às 11:38

Pelo Paulista, Sub-15 goleia e se isola na liderança do grupo

[+ MAIS NOTÍCIAS](#)

MAIS LIDAS

17/06/2019 às 16:06

Datas, horários e locais para reencontrar o Tricolor após a Copa América

17/06/2019 às 00:09

São Paulo e Japão: relacionamento antigo e vencedor

19/06/2019 às 20:32

Na despedida do Morumbi da Copa América, Colômbia vence Catar por 1 a 0



O Estado de S. Paulo - Poy contra o Tricolor, 1945

O Estado de S. Paulo, de 1º de janeiro de 1946, retratou assim aquela atuação: “O arqueiro Poy praticou ótimas defesas e as duas bolas que foram ter às suas redes eram, de fato, indefensáveis. Revelou absoluta segurança nas bolas altas, o mesmo não acontecendo nas baixas, naturalmente devido ao estado escorregadio do campo”.

A atuação ficou gravada na mente de um membro da comissão técnica são-paulina, Vicente Feola. Três anos e meio depois, em 1949, aquele goleiro argentino desembarcou no Canindé para fazer história no Tricolor.

Conquistou os títulos Paulistas de 1949, 1953 e 1957 - como técnico, venceu também o estadual em 1975 e foi vice em 1982, do mesmo modo, obteve o segundo lugar no Brasileirão de 1971 e 1973 e na Copa Libertadores de 1974.

18/06/2019 às 10:37

Sub-16 vence o Corinthians e vai à final da Copa LNTS

18/06/2019 às 09:37

Os são-paulinos vencedores da Copa América

[+ MAIS NOTÍCIAS](#)



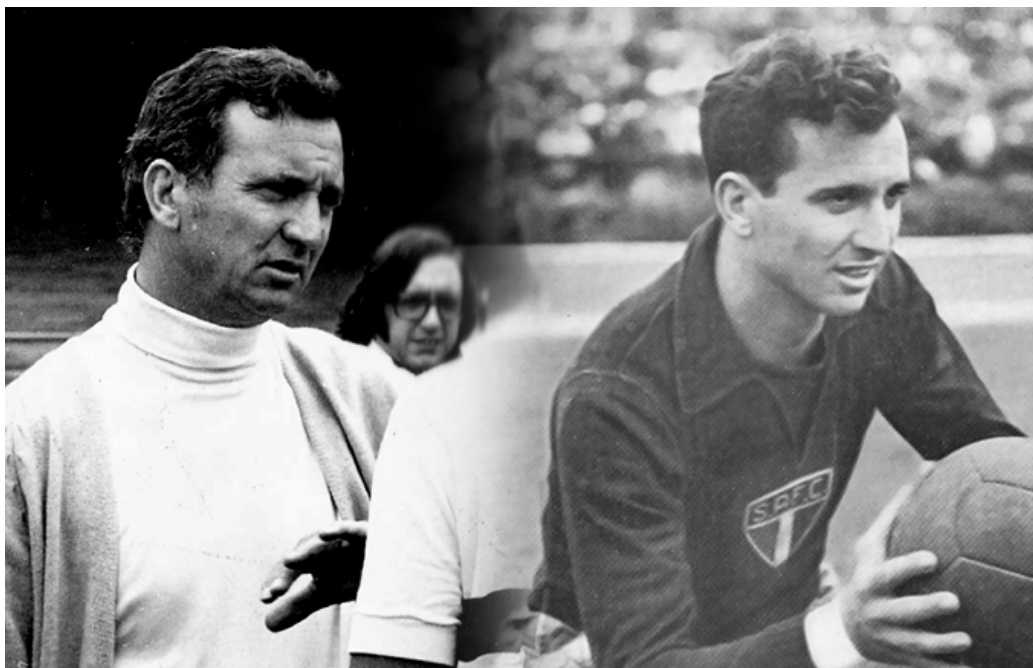
BATISMO TRICOLOR

Participe de uma cerimônia inesquecível e receba o certificado oficial da sua São Paulinidade.



CONVOQUE SEU TIME

Monte seu time dos sonhos com as estrelas do elenco Tricolor.



Arquivo Histórico do São Paulo Futebol Clube

Com 525 jogos sob a meta (298 vitórias, 108 empates, 119 derrotas e 670 gols sofridos), Poy é o sexto atleta com mais atuações na história do Tricolor. Somado a estes, outros 422 (213 vitórias, 129 empates e 80 derrotas) como treinador do clube, totalizam ao ídolo um total de 949 partidas defendendo as cores são-paulinas. Somente Rogério Ceni possui número maior, nesse aspecto.

Para coroar a são-paulinidade de Poy, o jogador, ainda ativo dentro de campo, ajudou a erguer o estádio do Tricolor ao redor dele. Ele foi figura de importância imensurável na construção do Morumbi, em que assumiu o papel de garoto propaganda e vendedor de cadeiras cativas (a principal fonte de receitas do clube para o empreendimento) - saindo de porta em porta a vender títulos de propriedade - O goleiro, sozinho, vendeu mais de 8 mil cativas!

Os fatos podem levar a crer em predestinação de Poy ao sucesso no São Paulo, mas o próprio destino pode se valer do acaso, e foi assim, fortuitamente, que a relação do Tricolor com o goleiro, então jogador do Rosario Central, começou.



Arquivo Histórico do São Paulo Futebol Clube - Revista Tricolor nº 37

Poy nasceu no dia 16 de abril de 1926 no bairro de Arroyito, em Rosario, cidade na província de Santa Fé, na Argentina. Lá, dois clubes dominam o cenário local, o já dito Rosario Central, e o Newell's Old Boys. O pai de Poy, ferroviário e também chamado Jose, era torcedor deste último. O filho, contudo, tornou-se rosarino. Mas o pai, como a mãe Carmem, italiana, sempre o apoiou nas escolhas para o futuro, apesar das ameaças do tipo “no Rosario tu não jogas!”.

Depois de quase seguir carreira militar (pois trabalhou na Escola da Fábrica de Armas do Ministério da Guerra), e também de flertar com ciclismo e basquete, o futebol, esporte que praticava desde sempre nos terrenos baldios e desde os 13 anos no clube do coração, se revelou como a profissão do garoto, muito por influência do padre Jose (sim, outro Jose), que treinava o time da escola católica onde estudava e era amigo da família.

O padre o levou ao Central, onde, no começo, Poy jogou de meia-direita. Até que, em uma partida do juvenil, o goleiro se machucou e o técnico lhe pediu: “Mostre que é pau para toda obra” (Revista Tricolor nº 37). Resignado, Poy foi para o gol, e até fez umas boas defesas. Pegou gosto, com o tempo, e não saiu mais da posição. Foi campeão argentino juvenil já como arqueiro.



"Ponha-se no meu lugar. Critique com justiça, não esquecendo o homem que está acima do futebolista e aquele da máquina. Não fira um coração com um raciocínio frio e desalmado"

Mundo Esportivo de 17 de junho de 1954

Pouco depois, Jose Poy pai já não mais torcia para o time rubro-negro e o filho, com 17 anos, começou a realizar os sonhos da família, tornando-se titular do Rosario Central. O argentino relatou ao Mundo Esportivo, de 4 de fevereiro de 1955, uma aspiração da infância e como foi difícil realizá-la:

"Naquela época, lá em Rosario, também estavam em moda os tangos de Gardel. Eu ouvia-os e gostava, é lógico, mas outra melodia martelava-me os ouvidos. Era a dos carros que passavam nas ruas do meu bairro. E prometi a mim mesmo que haveria de comprar um calhambeque daqueles. Comecei a guardar dinheiro e recordo que a primeira quantia que coloquei no cofre foi 3 pesos. Privava-me de tudo, contanto que a 'caixa-forte' fosse crescendo. Levei quase quatro anos para juntar o capital. Com 700 pesos reunidos, sabe Deus como, fiz minha a estranha melodia das ruas rosarinas, adquirindo um carro velho, que mal dava o arranque, que saía, mas encalhava logo adiante. Descia ladeiras que era uma beleza, só que não subia. Quantas e quantas vezes não tive que empurrar o 'Carlito Chaplin'?"

Naquela altura, Poy não imaginava que, ao assumir a camisa 1 do Tricolor, no futuro, não precisaria voltar a dirigir um carro: o clube lhe forneceria um motorista - pois considerava o ato "perigoso" para um jogador tão valioso.



O São Paulo não permite a Poy dirigir automovel. E' profissão perigosa para quem é futebolista. Assim, o "arquiteto" tem seu "motorista particular". Sampaulinos, tomem nota do numero da chapa

Mundo Esportivo de 2 de maio de 1952 - A premonitória placa com o número 92 (ver abaixo)

Em 1945, com 19 anos, excursionou ao Brasil com os rosarinos. Nessa ocasião visitou Belo Horizonte, Salvador e vislumbrou o manto Tricolor pela primeira vez. Saiu do Pacaembu com o empate e deixou uma reputação de prestígio. Boa troca. Contudo, foi somente após uma situação de penúria e de conflitos de greve, é que o destino de Poy foi definitivamente ligado ao do São Paulo.

Lutando contra a imposição de teto salarial no futebol argentino, os atletas profissionais se recusaram a disputar o campeonato local durante sete meses, de novembro de 1948 a maio de 1949 (juvenis realizaram os jogos daquela temporada). Em Rosario, Poy foi um dos chefes do movimento. Sem atuar, o goleiro não recebia um centavo. Já com família formada (casou-se com Maria, e a primeira filha, Maria Cristina, nasceu no meio daquele ano), o jogador teve que contar novamente com o auxílio do pai, passando a trabalhar na oficina da família, acondicionando e consertando motores elétricos por todo aquele período longe dos gramados.

Foi então que, casualmente, em Buenos Aires, Poy topou-se com um nome que fez história no São Paulo e que ajudou Leônidas a elevar o patamar do clube: Antonio Sastre. De 1943 a 1946, Sastre atuou pelo Tricolor e levantou os canecos do Paulista de 1943, 1945 e 1946, este, invicto. Ídolo, lá como cá, Sastre logo emendou para Poy: "Por que não tentas o Brasil? O São Paulo é um grande clube e tenho certeza que te darias bem". Ponzoníbio, outro argentino que também fez carreira no Mais Querido, pouco depois tomou as providencias e intermediou a ida do goleiro ao Canindé.



Arquivo Histórico do São Paulo Futebol Clube - Revista Tricolor nº 28

Convenceram o Rosario a liberar o passe de Poy a custo zero, pois era para um time do exterior, fato que nunca ocorreria se o pedido fosse para outro grêmio local. Faltava só convencer a família. Do pai, escutou: “Vai, meu filho, o Brasil é uma grande terra e lá se joga bom futebol. Vê Leônidas e Domingos, vê o que conseguiu lá o teu amigo Sastre”.

No Canindé, em junho de 1949, reencontrou Feola, trazendo-lhe as cartas de recomendações de Sastre e Ponzoníbio. O velho treinador, porém, tinha conduta rígida e forneceu-lhe, a princípio, um contrato de apenas 15 dias de experiência. A estreia, no dia 14 daquele mês, no Pacaembu, poderia significar o fim do sonho de Poy no Brasil: derrota para uma seleção da AAPESP (Associação dos Atletas Profissionais do Estado de São Paulo) por 2 a 0.

A experiência, contudo, e apesar do resultado, foi transformada em contrato oficial a 18 de julho. Três mil e oitocentos cruzeiros por mês: Poy, depois de quase um ano, voltou a receber salário como jogador de futebol. O jogador pôde, assim, deixar de se hospedar no hotel da Rua Xavier de Toledo, perto do antigo Mappin, e comprar um apartamento no bairro de Santana (onde viveria por 25 anos), zona norte da Capital e perto do Canindé, onde o Tricolor treinava.



Arquivo Histórico do São Paulo Futebol Clube - Os companheiros e concorrentes de Poy no Tricolor

Fez parte do elenco que se sagrou campeão paulista em 1949 - o que foi o quinto título são-paulino em sete anos, desde 1943 -, mesmo sem entrar em campo em jogo algum naquela competição. Mário, o goleiro titular, vinha em uma sequência inquestionável. Após uma ou outra participação, Poy só conquistou uma chance efetiva de assumir a meta do Tricolor nos amistosos preparatórios para o Paulistão de 1950.

Foram 12 vitórias, 6 empates e apenas uma derrota. A campanha rendeu a Poy a titularidade na estreia do Campeonato Paulista. Porém, os primeiros anos do goleiro no Tricolor foram de forte concorrência. Além de Mário, Bertolucci também lutava pelo posto e, assim, o argentino só passou a ser considerado o guardião absoluto da posição na temporada de 1953. Resultado? Tricolor Campeão Paulista.

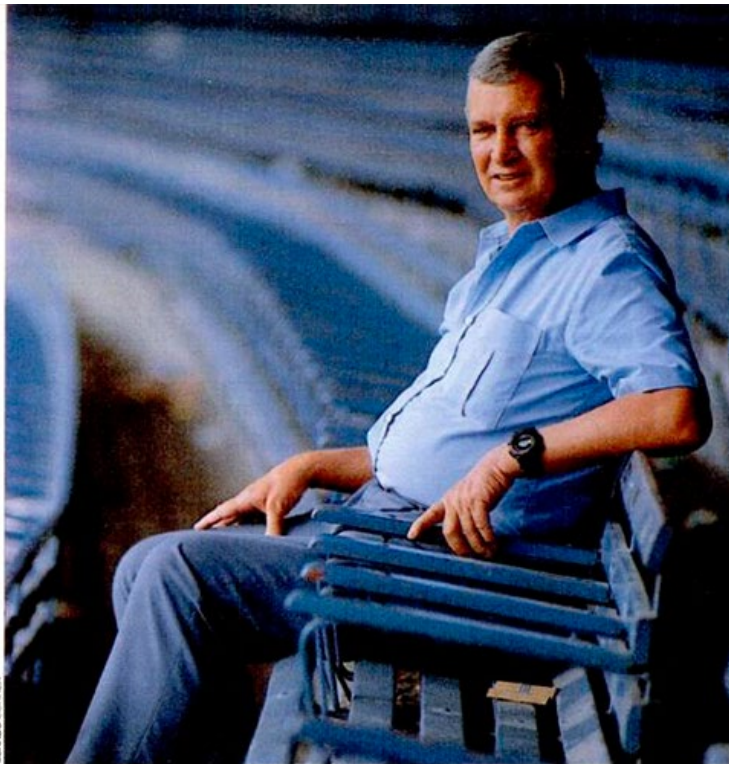
Poy foi tão bem na meta são-paulina que mesmo sendo argentino chegou a ser cotado para assumir o gol da Seleção Brasileira para a Copa do Mundo de 1954, naturalizando-se, fato que não se concretizou pois o goleiro recusou a oferta, polidamente. Toda forma, ele se sentia realizado no Mais Querido: "É verdade, e não pretendo ter mais do que isto. Estou muito satisfeito no São Paulo e nele desejo jogar até 'pendurar as chuteiras'" (Revista Tricolor nº 37).

O vendedor de cadeiras cativas

As piadas corriam soltas por São Paulo em 1952, e falavam abertamente sobre o conto das cadeiras cativas. "No ano 2000 os filhos dos compradores ainda estarão esperando pelo dia em que poderão usá-las", brincavam os críticos. Questionado por dirigentes tricolores sobre a possibilidade de utilizar sua imagem para a venda das cadeiras, um jogador são-paulino sequer titubeou: "Vendo, sem dúvida", disparou o goleiro José Poy. Do primeiro lote de 12 000 unidades, negociadas a 20 mil cruzeiros cada — havia a possibilidade de serem pagas em prestações mensais de mil cruzeiros —, Poy vendeu 8 000 e, com esse dinheiro, ajudou a erguer as primeiras paredes da nova casa do São Paulo.

"Eu gostava muito do clube e queria ver concretizado seu sonho antigo", relembra o goleiro, que atendeu a muitos pedidos. Até do exterior chegavam propostas para comprar as cadeiras do novo estádio. Oito anos mais tarde, em 1960, Poy estava novamente em ação, dessa vez embaixo das traves do São Paulo no jogo inaugural do Morumbi. "É inesquecível", garante, emocionado.

De lá para cá, esse argentino, hoje com



Poy nas cadeiras que ajudou a vender: "O Morumbi me traz muitas recordações"

67 anos, participou de muitos outros momentos marcantes do Cícero Pompeu de Toledo. Em 1975, comandou o tricolor rumo ao título estadual, orientando uma jovem equipe como técnico. Em 1982, disputou outra decisão pelo São Paulo, mas sagrou-se vice-campeão paulista — o Corinthians venceu a final por 3 x 1.

"Até hoje, quando sento nessas cadeiras, lembro de tudo", deslumbra-se o ex-goleiro, olhando o gramado. Com certeza, ele também traz boas recordações a cada são-paulino que o viu jogar. E toda a torcida tricolor agradece o tempo em que Poy ajudava, discretamente, a erguer o maior estádio particular do planeta.

Revista Placar - Abril de 1993

Transformou-se em um grande ídolo, tanto que era o principal rosto das campanhas publicitárias do São Paulo em materiais referentes a construção do Estádio do Morumbi, e, mais efetivamente, ia para a linha de frente em busca de recursos para a obra. Sem jamais, porém, deixar de lado os afazeres profissionais. (Em quase treze anos de carreira no Tricolor, Poy só foi repreendido por perder um treino uma vez).

Depois de tanto suor derramado pelo "Cícero Pompeu de Toledo", dentro e fora dos gramados, maior justiça foi o fato de Poy ter sido o primeiro atleta a pisar em campo no novo estádio, e como capitão do time, quando da inauguração deste no dia 2 de outubro de 1960.

Feliz, afirmou à Gazeta Esportiva Ilustrada, nº 169: "Se eu parasse de jogar futebol hoje, nada teria faltado na carreira".



Arquivo Histórico do São Paulo Futebol Clube

Após efetivamente pendurar as chuteiras, em 1962 (16 de dezembro, Morumbi, São Paulo 3 x 0 Esportiva de Guaratinguetá), Poy assumiu o comando técnico de categorias de base e da equipe profissional do Tricolor por diversas vezes entre 1963 e 1983. A primeira experiência no time principal foi na excursão do São Paulo a El Salvador, no começo de 1964 e de lá trouxe um caneco após vitórias sobre o Alianza, local, e o Slovan, de Bratislava. Regressou para à base e sagrou-se campeão paulista juvenil no mesmo ano (e repetiu o feito em 1969, depois de voltar à formação de jogadores, em 1965).

Formador de times altamente competitivos, principalmente nas passagens posteriores, o argentino, porém, só conquistou um grande título nessa função: o Campeonato Paulista de 1975. Bateu na trave em outras grandes competições, mas teve a honra de levar o Tricolor à primeira final de Libertadores da história do Clube, em 1974, contra o Independiente da terra natal.

Além de troféu e medalhas, estabeleceu dois dos mais importantes recordes da história do São Paulo: a maior sequência invicta e o melhor sistema defensivo. De 13 de novembro de 1974 a 3 de agosto de 1975, o Tricolor permaneceu sem conhecer a derrota durante 47 jogos consecutivos. E no que se refere a defesa, o time armado por Poy é até hoje insuperável nesse aspecto. Por três temporadas apresentou espetacular média de gols sofridos. (Em 1975, apenas 40 em 72 jogos - 0,56 de média -, em 1974, 42 em 67 partidas - 0,63 de média - e por fim, 1973, 54 gols em 81 disputas - 0,67 de média). Algo que somente foi repetido, e por alguns meses, em 2007, com Muricy Ramalho.



Depois de comandar o Tricolor pela última vez (7 de maio de 1983, quartas de final do Brasileirão no Morumbi, São Paulo 0 x 1 Atlético Paranaense - renunciou ao cargo), Poy treinou a Portuguesa e o XV de Jaú.

Em 1992, quis o destino ofertar a Poy uma nova chance de tomar parte da conquista da América. Se em 1974, frente ao Independiente, não foi possível, outra oportunidade surgiu ao receber o convite da Diretoria do São Paulo para que fosse o embaixador do Tricolor na decisão da Copa Libertadores daquele ano, contra o Newell's Old Boys, time da cidade em que nasceu, Rosario.

No dia 7 de junho, Poy já estava na Argentina, preparando o terreno para a chegada da delegação são-paulina que enfrentaria o time local no dia 10, não no estádio o qual era detentor, mas, curiosamente, no do rival, o Gigante de Arroyito - que o ex-goleiro e treinador conhecia tão bem, em fases anteriores. O fato ajudou Poy a cooptar torcedores do Rosario para torcer pelo São Paulo contra o rival.

O ex-treinador são-paulino José Poy, por exemplo, que havia chegado à cidade já no domingo, ficou preocupado com o fato de o Hotel Presidente, escolhido pelo Newell's Old Boys para alojar a equipe brasileira ter sido, simultaneamente, local de um curso de modelos. "Temos de tomar cuidado com tantas moças bonitas perto dos jogadores", disse Poy, alinhado entre os técnicos desfavoráveis à prática sexual nas horas que antecedem as partidas.

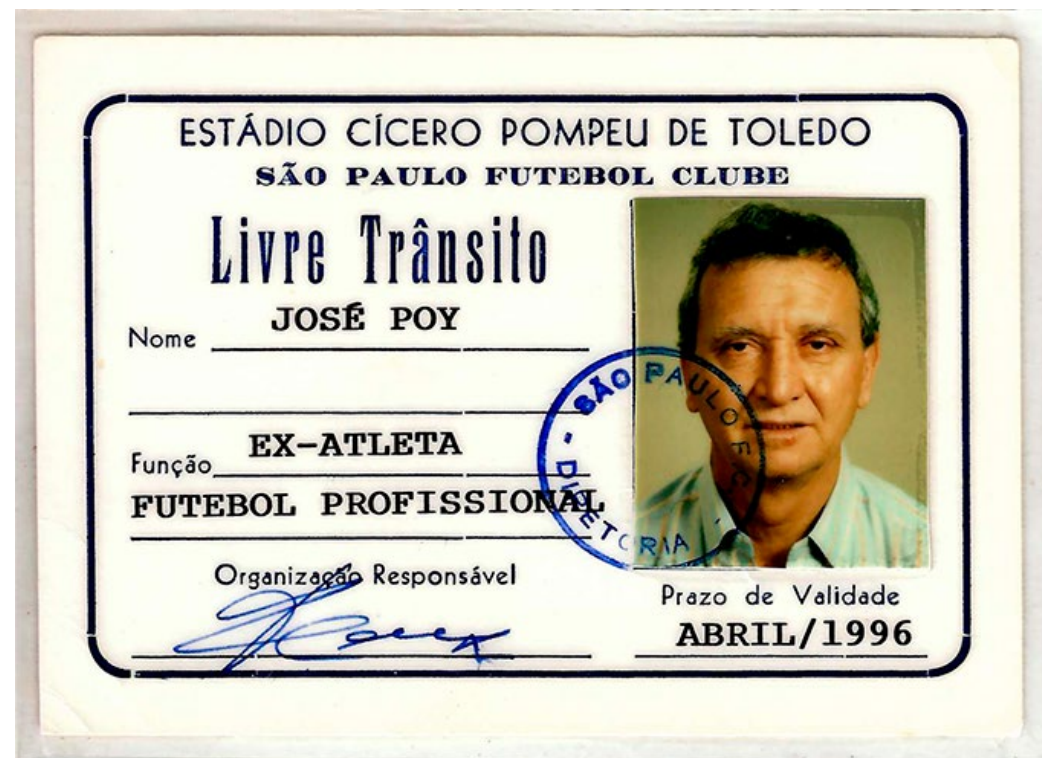
A direção do hotel, entretanto, tranquilizou a chefia da delegação: foram destinados para os jogadores os apartamentos do quinto e do sexto andares, enquanto as candidatas a top model da Argentina ficavam no terceiro pavimento, fazendo o curso. Por via das dúvidas, o segurança Valdir ficou perto da escada.

O Estado de S. Paulo de 11 de junho de 1992

Aquela partida, o Tricolor perdeu, mas no jogo de volta, no Morumbi que o ex-goleiro e treinador ajudou a erguer, o São Paulo venceu a Copa Libertadores da América pela primeira vez, contando com outra emblemática contribuição daquele craque do passado que, de todas as formas, sempre ajudou o São Paulo a elevar-se no futebol.

O argentino, aliás, manteve-se ligado ao esporte até os momentos finais da vida. Em 1994, salvou o XV de Jaú do rebaixamento para a terceira divisão e no ano seguinte o promoveu à série A1 (revelando e cedendo ao Tricolor, depois, França e Edmilson). Dirigi o clube do interior sobre uma cadeira de rodas nas últimas rodadas daquele campeonato, doente. 1996 foi a última vez que o XV de Jaú disputou a divisão principal do Estado de São Paulo, graças ao treinador.

Poy faleceu na cidade de São Paulo, no dia 8 de fevereiro de 1996. A história do ídolo, porém, permanece para posteridade.



Arquivo Histórico do São Paulo Futebol Clube

JOSE POY

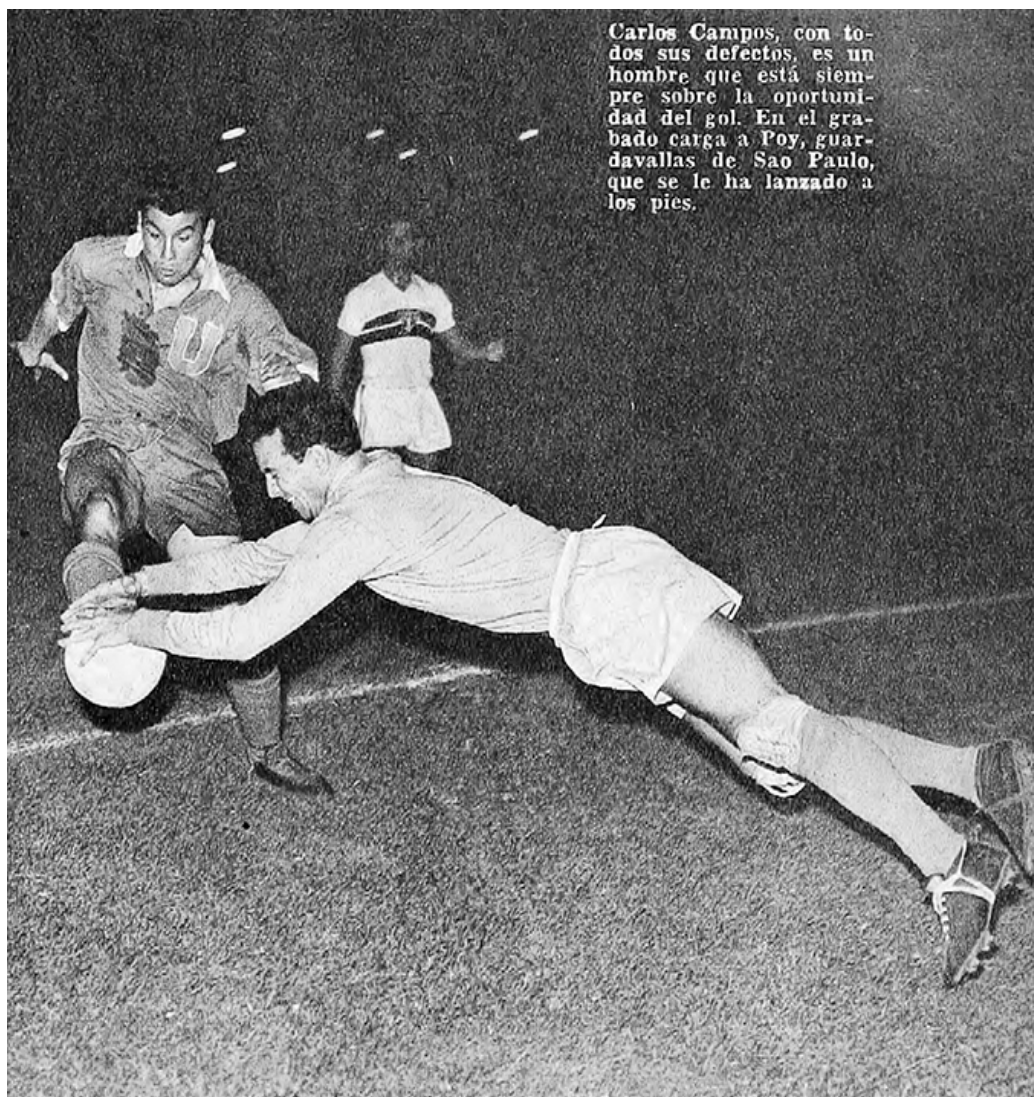
Estreia: 14/06/1949

Último jogo: 16/12/1962

Nascimento: 16/04/1926, Rosário (Argentina)

Falecimento: 08/02/1996, São Paulo (SP).

Títulos conquistados no SPFC: Campeão Paulista de 1949, 1953 e 1957 (e de 1975, como técnico).



Carlos Campos, con todos sus defectos, es un hombre que está siempre sobre la oportunidad del gol. En el grabado carga a Poy, guardavallas de São Paulo, que se le ha lanzado a los pies.

Revista Estádio, Chile

Cartel geral como jogador do São Paulo

J	V	E	D	GS	%P	%V	MS
525	298	108	119	670	63,61	56,76	1,28

BAIXE O E-BOOK COM A LISTA COMPLETA DE JOGOS DE JOSE POY

CONFIRA A ENTREVISTA DE POY AO MEMORIAL DO SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE E MUSEU DA PESSOA



Gazeta Esportiva Ilustrada nº 149

Competições

Nome	J	V	E	D	P3	%P	%V
Torneio Rio-São Paulo	57	17	15	25	66	38,60	29,82
Campeonato Paulista	266	174	45	47	567	71,05	65,41
Outros Oficiais	8	3	4	1	13	54,17	37,50
Torneios Amistosos	53	28	10	15	94	59,12	52,83
Amistosos	141	76	34	31	262	61,94	53,90

Temporadas

Ano	J	V	E	D	P3	%P	%V
1949	3	2	0	1	6	66,67	66,67
1950	36	25	7	4	82	75,93	69,44
1951	29	14	6	9	48	55,17	48,28
1952	17	8	3	6	27	52,94	47,06
1953	53	33	9	11	108	67,92	62,26
1954	50	32	7	11	103	68,67	64,00
1955	58	28	16	14	100	57,47	48,28
1956	22	14	2	6	44	66,67	63,64
1957	31	21	8	2	71	76,34	67,74
1958	54	33	14	7	113	69,75	61,11
1959	66	34	17	15	119	60,10	51,52
1960	47	21	9	17	72	51,06	44,68
1961	39	18	10	11	64	54,70	46,15
1962	20	15	0	5	45	75,00	75,00



Manchete Esportiva nº 104

Principais adversários

Clubes	J	V	E	D	P3	%P
Portuguesa	36	19	6	11	63	58,33
Corinthians	34	13	7	14	46	45,10
Palmeiras	32	9	11	12	38	39,58
Santos	32	11	4	17	37	38,54
Guarani	21	12	4	5	40	63,49
XV de Piracicaba	21	16	5	0	53	84,13
Ponte Preta	17	9	6	2	33	64,71
Juventus	15	12	2	1	38	84,44
XV de Jaú	14	13	0	1	39	92,86
Portuguesa Santista	14	12	2	0	38	90,48

Principais estádios

Estádio	J	V	E	D	PG	%P	%V
Pacaembu	241	145	42	54	477	65,97	60,17
Morumbi	20	11	2	7	35	58,33	55,00
Maracanã	17	3	4	10	13	25,49	17,65
Vila Belmiro	17	7	1	9	22	43,14	41,18
Moisés Lucarelli	10	4	4	2	16	53,33	40,00
Brinco de Ouro	9	4	2	3	14	51,85	44,44
Parque Antarctica	9	7	0	2	21	77,78	77,78
Artur Simões (Jaú)	8	7	0	1	21	87,50	87,50
Atanásio Girardot	8	4	2	2	14	58,33	50,00
RGP (Piracicaba)	8	4	4	0	16	66,67	50,00



Museu da Pessoa - Treinando com outro grande ídolo, Leônidas, no Canindé

Principais companheiros de jogo

Jogador	P	J	V	E	D	G
Gino Orlando (Gino Orlando)	AT	322	190	62	70	170
De Sordi (Nilton de Sordi)	LD	318	183	69	66	0
Mauro (Mauro Ramos de Oliveira)	DF	257	159	52	46	1
Víctor (Víctor Ratautas)	DF	246	134	56	56	4
Canhoteiro (José Ribamar de Oliveira)	AT	241	141	51	49	71
Dino Sani (Dino Sani)	VL	222	121	54	47	67
Riberto (Osvaldo Riberto)	LE	211	121	46	44	10
Maurinho (Mauro Raphael)	AT	208	127	43	38	87
Alfredo Ramos (Alfredo Ramos Castilho)	LE	205	123	36	46	1
Bauer (José Carlos Bauer)	LM	159	92	30	37	5

Treinadores

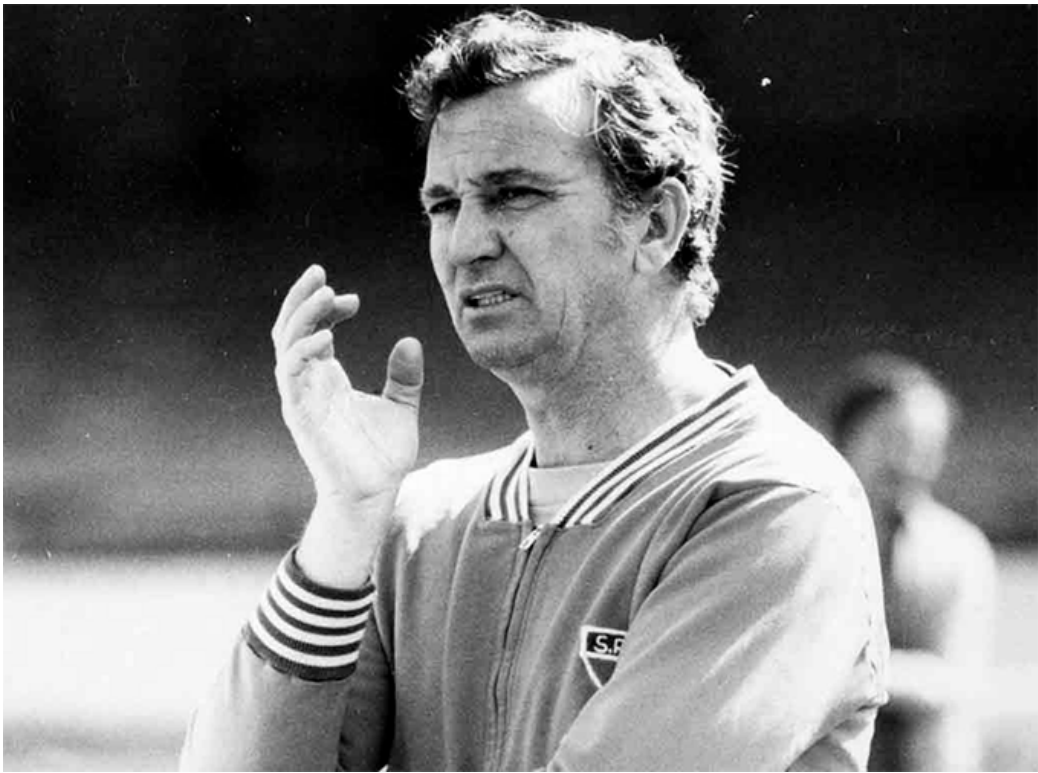
Técnico	J	V	E	D	P	%V
Vicente Feola	201	105	46	50	59,87	52,24
Jim Lopes	71	48	10	13	72,30	67,61
Leônidas da Silva	63	36	13	14	64,02	57,14
Armando Renganeschi	51	31	12	8	68,63	60,78
Béla Guttman	41	26	10	5	71,54	63,41
Flávio Costa	36	15	7	14	48,15	41,67
Cláudio Cardoso	15	11	1	3	75,56	73,33
Osvaldo Brandão	13	10	0	3	76,92	76,92
Caxambu	10	6	3	1	70,00	60,00
Manoel R. Paes de Almeida	9	5	4	0	70,37	55,56
Remo Januzzi	6	1	1	4	22,22	16,67
Ariston de Oliveira	5	2	1	2	46,67	40,00
Aymoré Moreira	4	2	0	2	50,00	50,00



A Gazeta Esportiva Ilustrada

Cartel geral como treinador do São Paulo

J	V	E	D	GM	GS	SG	P3	%P	%V	MM	MS
422	213	129	80	662	361	301	768	60,66	50,47	1,57	0,86



Arquivo Público do Estado de São Paulo

Competições

Nome	J	V	E	D	GM	GS	SG	P3	%P	%V	MM	MS
Libertadores da América	19	10	5	4	32	15	17	35	61,40	52,63	1,68	0,79
Campeonato Brasileiro	157	71	60	26	227	116	111	273	57,96	45,22	1,45	0,74
Campeonato Paulista	168	87	46	35	255	141	114	307	60,91	51,79	1,52	0,84
Outros Oficiais	9	4	4	1	12	6	6	16	59,26	44,44	1,33	0,67
Torneios Amistosos	29	17	7	5	60	30	30	58	66,67	58,62	2,07	1,03
Amistosos	24	17	5	2	44	20	24	56	77,78	70,83	1,83	0,83

Temporadas

Ano	J	V	E	D	GM	GS	SG	P3	%P	%V	MM	MS
1964	32	16	6	10	73	48	25	54	56,25	50,00	2,28	1,50
1965	41	19	10	12	79	66	13	67	54,47	46,34	1,93	1,61
1970	2	2	0	0	5	1	4	6	100,00	100,00	2,50	0,50
1971	13	7	4	2	17	8	9	25	64,10	53,85	1,31	0,62
1972	17	11	2	4	42	20	22	35	68,63	64,71	2,47	1,18
1973	40	13	19	8	40	27	13	58	48,33	32,50	1,00	0,68
1974	79	38	30	11	104	48	56	144	60,76	48,10	1,32	0,61
1975	72	42	24	6	104	40	64	150	69,44	58,33	1,44	0,56
1976	53	22	18	13	72	41	31	84	52,83	41,51	1,36	0,77
1982	51	30	11	10	79	45	34	101	66,01	58,82	1,55	0,88
1983	22	13	5	4	47	17	30	44	66,67	59,09	2,14	0,77



Setor do Galo (site sobre o XV de Jaú) - Poy treinando o time do interior em cadeira de rodas

Principais adversários

Clubes	J	V	E	D	GM	GS	SG	P3	%P	MM	MS
Corinthians	27	11	5	11	33	30	3	38	46,91	1,22	1,11
Palmeiras	26	6	10	10	22	29	-7	28	35,90	0,85	1,12
Portuguesa	24	8	12	4	31	20	11	36	50,00	1,29	0,83
Guarani	18	6	10	2	29	16	13	28	51,85	1,61	0,89
Santos	17	5	9	3	20	16	4	24	47,06	1,18	0,94
Botafogo (RP)	13	7	3	3	21	15	6	24	61,54	1,62	1,15
São Bento	12	10	2	0	22	3	19	32	88,89	1,83	0,25
Noroeste	11	7	4	0	21	4	17	25	75,76	1,91	0,36
América (SJRP)	10	4	3	3	9	6	3	15	50,00	0,90	0,60
Comercial (RP)	9	5	3	1	14	7	7	18	66,67	1,56	0,78
Ferroviária	9	7	1	1	21	5	16	22	81,48	2,33	0,56
Juventus	9	4	2	3	13	12	1	14	51,85	1,44	1,33
Ponte Preta	9	6	1	2	13	7	6	19	70,37	1,44	0,78
Cruzeiro	9	5	2	2	9	5	4	17	62,96	1,00	0,56

Estádios mais vezes frequentados

Nome	J	V	E	D	GM	GS	SG	PG	%P	%V	MM	MS
Morumbi	152	76	48	28	234	116	118	276	60,53	50,00	1,54	0,76
Pacaembu	69	38	17	14	117	67	50	131	63,29	55,07	1,70	0,97
Maracanã	12	1	3	8	9	20	-11	6	16,67	8,33	0,75	1,67
Colosso do Arruda	10	5	4	1	19	6	13	19	63,33	50,00	1,90	0,60
Parque Antarctica	9	5	3	1	11	5	6	18	66,67	55,56	1,22	0,56
Mineirão	8	3	2	3	6	5	1	11	45,83	37,50	0,75	0,63
Brinco de Ouro	7	3	4	0	16	7	9	13	61,90	42,86	2,29	1,00
Mário de Mendonça	7	3	2	2	7	4	3	11	52,38	42,86	1,00	0,57
Alfredão	6	3	3	0	8	4	4	12	66,67	50,00	1,33	0,67
Moisés Lucarelli	6	4	0	2	9	6	3	12	66,67	66,67	1,50	1,00
Couto Pereira	6	1	3	2	7	8	-1	6	33,33	16,67	1,17	1,33



Arquivo Histórico do São Paulo - Poy (3º) com o time juvenil campeão paulista de 1969

Jogadores mais vezes escalados

Nome	P	J	V	E	D	GM
Waldir Peres (Waldir Peres Arruda)	GL	256	130	88	38	0
Arlindo (Arlindo Galvão)	DF	231	111	85	35	3
Terto (Tertuliano Severiano dos Santos)	AT	226	115	76	35	42
Gilberto Sorriso (Gilberto Ferreira da Silva)	LE	226	115	75	36	4
Nelson (Nelson Baptista Junior)	LD	215	108	78	29	3
Pedro Rocha (Pedro Virgílio Rocha Franchetti)	MC	214	114	68	32	70
Paranhos (Marivaldo Paranhos Prado)	DF	185	87	72	26	0
Zé Carlos (José Carlos Serrão)	MD	183	84	69	30	17
Chicão (Francisco Jesuíno Avanzi)	VL	171	78	70	23	15
Serginho Chulapa (Sérgio Bernardino)	AT	157	84	51	22	80
Ademir (Ademir Antônio Chiarotti)	MC	128	66	48	14	9
Piau (Eronides de Souza)	AT	121	56	46	19	9
Muricy (Muricy Ramalho)	AT	116	63	38	15	14



Arquivo Histórico do São Paulo Futebol Clube

"Realmente, eu tive muita sorte, fui feliz em muita coisa, em tudo que fiz... então futebol é minha paixão. Eu gostaria de finalizar minha vida desportiva dentro do São Paulo, fazendo aquilo, onde eu me iniciei, não jogando bola, naturalmente, mas fazendo alguma coisa, colaborando com o São Paulo na medida do possível" - Poy ao Memorial do São Paulo e Museu da Pessoa, 1994.



NEWSLETTER

Digite seu e-mail para receber nossa newsletter

HOSPEDAGEM

